

## **Etnomatemática e a pele humana da matemática**

**Isna Gabriel Sia**

Bissau, Guiné Bissau / Rio Claro, São Paulo, Brasil

[isnanyamara@gmail.com](mailto:isnanyamara@gmail.com)

Mestrando em Educação Matemática

Unesp / Rio Claro

0000-0002-1128-4235

O meu encontro com a Etnomatemática não aconteceu apenas como um aprendizado acadêmico; foi como atravessar uma ponte invisível entre números e vidas, entre fórmulas e existências. Antes disso, a matemática me parecia fria, imóvel, encerrada em livros silenciosos e em verdades prontas. Eu a via como um território distante da pele humana, separado dos afetos, das culturas e das histórias. Porém, ao encontrar os pensamentos de Ubiratan D'Ambrosio, algo começou a se mover dentro de mim. Descobri que a matemática respira nas feiras, nas plantações, nos rios, nas mãos dos artesãos, no compasso dos pescadores e na memória ancestral do meu povo.

D'Ambrosio ensinou-me que cada cultura inventa seus próprios modos de contar o mundo. Existem matemáticas escondidas nas tramas das redes, nos caminhos da terra, nas construções do cotidiano e nas formas de sobrevivência. Assim, a matemática deixou de ser um corpo de conhecimento único e universal para tornar-se múltipla, humana e atravessada pela diversidade. Compreendi que medir, calcular, organizar e interpretar a vida também são formas de narrar existências. A Etnomatemática abriu meus olhos para perceber que há saberes que florescem longe das universidades, mas que carregam profundidade, inteligência e memória coletiva.

Foi então que as ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>1</sup> começaram a reverberar no interior dessa travessia como um rumor subterrâneo. Em seus pensamentos, o

<sup>1</sup> Estes pensadores estão entre os mais influentes pensadores franceses do século XX. Sua parceria deu origem a uma filosofia da diferença, que questiona modelos de pensamento baseados na identidade e em estruturas fixas. Em suas reflexões, destacam a multiplicidade, o devir e os processos de transformação, oferecendo novas perspectivas para compreender a sociedade, a política, a subjetividade e o conhecimento.



conhecimento não se ergue como árvore de tronco único e raízes obedientes, mas como rizoma: uma trama viva que se espalha em múltiplas direções, tocando outras raízes, abrindo veredas, inventando mundos possíveis. O saber, assim, não habita um centro imóvel; ele pulsa no encontro, floresce no movimento, respira nas diferenças. E é justamente nessa errância fértil, nesse entrelaçamento de existências, que reside sua potência mais profunda.

E foi nesse instante que compreendi que a Etnomatemática também é rizomática: ela escapa das fronteiras rígidas da ciência tradicional e cria conexões entre cultura, memória, linguagem e experiência.

A matemática, então, deixou de habitar apenas o quadro da sala de aula. Ela passou a morar nos gestos cotidianos, nos modos de viver, nas histórias silenciadas e nos conhecimentos transmitidos de geração em geração. Percebi, então, que os números nunca foram apenas números. Eles carregam afetos escondidos nas entrelinhas, memórias inscritas no tempo, territórios inteiros pulsando em silêncio. Cada cálculo traz consigo uma geografia humana; cada medida revela modos de existir, pertencimentos, ausências e identidades. Os números também choram, celebram, resistem e contam histórias que muitas vezes escapam às palavras.

Foi nesse atravessamento que a transdisciplinaridade deixou de ser apenas um conceito e passou a habitar meu modo de sentir o mundo. Os saberes, antes separados por fronteiras rígidas, começaram a conversar dentro de mim como rios que finalmente se encontram. A filosofia trouxe perguntas capazes de abrir abismos e horizontes; a antropologia ensinou-me a escutar os gestos, os rituais e as narrativas invisíveis; a educação revelou o aprendizado como experiência viva e transformadora; a cultura apareceu não como ornamento, mas como raiz profunda da existência humana; e a matemática deixou de ser apenas linguagem exata para revelar-se poesia secreta do universo, ou seja, uma forma sensível de compreender ritmos, proporções, movimentos e mistérios que sustentam a vida.

Com o tempo, percebi que até mesmo os números possuem memória. Habitam neles marcas de povos, percursos históricos, desigualdades, sonhos e possibilidades. A matemática, quando atravessada pela humanidade, transforma-se em ponte entre razão e imaginação, entre lógica e sensibilidade. Ela não apenas calcula o mundo: também o traduz, o interpreta e, por vezes, o reinventa.

Assim, cada área passou a ecoar dentro da outra, dissolvendo limites artificiais. Já não havia disciplinas isoladas, mas uma corrente viva de pensamentos, afetos e experiências. Um grande rio de conexões onde ciência, arte, filosofia e cultura caminham lado a lado, ensinando-me que conhecer é, antes de tudo, aprender a perceber a profunda unidade que existe entre todas as formas de saber e de existir.

Pouco a pouco, essas áreas deixaram de ocupar margens distantes. Tornaram-se correnteza. Um grande rio de conexões, onde pensamento e sensibilidade caminham juntos, onde ciência e humanidade deixam de disputar espaço e passam a tecer sentidos comuns. Nesse fluxo, compreendi que conhecer não é acumular certezas, mas permitir que diferentes mundos se atravessem dentro de nós.

Minha experiência com a etnomatemática mostrou-me que aprender não é acumular conteúdos, mas criar sentidos. Muitos estudantes se afastam da matemática porque ela lhes chega sem rosto, sem memória e sem pertencimento. Quando a escola ignora os saberes culturais dos sujeitos, ela transforma o conhecimento em silêncio e exclusão. D'Ambrosio critica justamente essa lógica que hierarquiza saberes e desconsidera as inteligências construídas nas comunidades.

Já Gilles Deleuze ajuda-me a compreender que ensinar nunca deveria significar a simples repetição de modelos prontos ou verdades endurecidas pelo tempo. Ensinar, talvez, seja abrir clareiras no pensamento, criar passagens para que novos mundos possam nascer dentro de cada sujeito. O conhecimento, em sua essência mais viva, é movimento incessante, travessia, diferença que pulsa e se recria continuamente. Nada nele é imóvel. Tudo vibra, transforma-se, escapa, reinventa-se.

É nesse horizonte que a etnomatemática se revela para mim não apenas como campo de estudo, mas como território de escuta profunda. Um espaço onde cada experiência humana carrega dignidade, memória e potência criadora. Ali, os saberes cotidianos deixam de ser vistos como menores ou periféricos e passam a ser reconhecidos como expressões legítimas da inteligência humana. Cada gesto, cada prática cultural, cada maneira de contar, de medir, de construir ou de organizar a vida torna-se também uma forma de pensamento matemático.

O encontro entre Ubiratan D'Ambrosio e Deleuze fortaleceu em mim uma visão mais sensível, humana e poética da matemática. Enquanto D'Ambrosio ilumina os saberes historicamente invisibilizados, isto é, aqueles que nascem das comunidades, dos povos tradicionais, das vivências populares e ancestrais, Deleuze faz florescer a ideia de um conhecimento múltiplo, rizomático, vivo como raízes que crescem em muitas direções ao mesmo tempo. Ambos rompem com estruturas rígidas e hierarquias do pensamento, convidando-nos a imaginar uma educação mais aberta ao inesperado, mais criativa, mais humana e profundamente ligada à vida.

Hoje compreendo que a matemática não pertence apenas aos especialistas, às fórmulas fechadas ou às páginas silenciosas dos livros acadêmicos. Ela pertence às pessoas. Habita as mãos que constroem casas de barro e de madeira, os corpos que dançam em celebração, os passos que desenham caminhos sobre a terra, os cantos que organizam o tempo das colheitas, os tecidos trançados pelas memórias coletivas, as formas encontradas pelos povos para resistir, sobreviver e existir com dignidade.

A matemática vive nas marés observadas pelos pescadores, nos ciclos da lua que orientam plantações, nas simetrias presentes nas cestarias que compõem o mosaico populacional da Guiné-Bissau, nos ritmos do tambor, nas feiras populares, nos mapas afetivos criados pelas comunidades para reconhecer seus territórios. Ela pulsa na vida antes mesmo de ganhar nome ou definição científica. E a etnomatemática ensinou-me justamente isso: aprender matemática também é aprender a olhar o outro com

sensibilidade, reconhecer histórias silenciadas e compreender que existem infinitas maneiras de produzir conhecimento e atribuir sentido ao mundo.

Meu encontro com a etnomatemática foi, acima de tudo, um reencontro com a humanidade presente nos saberes. A matemática deixou de ser apenas cálculo, técnica ou abstração distante para tornar-se linguagem de vida, de memória e de pertencimento. Tornou-se uma forma de escutar o mundo e de perceber que todo conhecimento nasce do encontro entre vozes, experiências e culturas que insistem em florescer, mesmo depois de longos períodos de silêncio.

E foi por meio da transdisciplinaridade que compreendi algo ainda mais profundo: nenhum saber existe sozinho. Todos se entrelaçam como rios que convergem para o mesmo mar. Filosofia, antropologia, educação, cultura e matemática passaram a dialogar dentro de mim como constelações em movimento, revelando que conhecer é também um ato de sensibilidade, de escuta e de abertura ao outro.

Hoje percebo que aprender não é dominar o mundo, mas permitir-se atravessar por ele. É reconhecer que cada ser humano carrega consigo universos inteiros de conhecimento, de experiência e de beleza. E talvez seja justamente nisso que reside a verdadeira potência da educação: na capacidade de fazer florescer humanidade onde antes havia silêncio, separação ou invisibilidade.

## **Etnomatemática e a pele humana da matemática**

## **Ethnomathematics and the human skin of mathematics**

## **La etnomatemática y la piel humana de las matemáticas**

### **Resumo**

O texto revela como o encontro com a Etnomatemática transformou o olhar sobre a matemática, que deixa de ocupar o lugar de verdade única e neutra para ganhar vida como expressão cultural presente nos saberes e nas práticas de diferentes povos. Inspirado nas ideias de Ubiratan D'Ambrosio e no pensamento rizomático de Gilles Deleuze e de Félix Guattari, o texto celebra a pluralidade dos conhecimentos e apresenta a Etnomatemática como um caminho humanizador, inclusivo e sensível às múltiplas formas de aprender, de ensinar e de produzir conhecimento.

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Produção de conhecimento.

### **Abstract**

The text reveals how encountering Ethnomathematics transformed the perspective on mathematics, which ceases to occupy the position of a single, neutral truth and gains life as a cultural expression present in the knowledge and practices of different peoples. Inspired by the ideas of Ubiratan D'Ambrosio and the rhizomatic thought of Gilles Deleuze and Félix Guattari, the text celebrates the plurality of knowledge and presents Ethnomathematics as a humanizing, inclusive path sensitive to the multiple ways of learning, teaching, and producing knowledge.

**Keywords:** Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Knowledge production.

### **Resumen**

El texto revela cómo el encuentro con la etnomatemática transformó la perspectiva sobre las matemáticas, que dejan de ocupar la posición de una verdad única y neutral para cobrar vida como expresión cultural presente en el saber y las prácticas de diferentes pueblos. Inspirado en las ideas de Ubiratan D'Ambrosio y el pensamiento rizomático de Gilles Deleuze y Félix Guattari, el texto celebra la pluralidad del saber y presenta la Etnomatemática como un camino humanizador e inclusivo, sensible a las múltiples formas de aprender, enseñar y producir conocimiento.

**Palabras clave:** Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Producción de conocimiento.